

A IMERSÃO DO RITUAL FESTIVO:

As regras do jogo na performance de masculinidades homoafetivas

Uma observação etnográfica em um espaço frequentado por homens no oeste paranaense

Deivid Nascimento de Carvalho¹

Resumo: O presente ensaio etnográfico foi produzido através da observação participante em um espaço frequentado somente por homens no interior de uma cidade do oeste paranaense, próximo da tríplice fronteira do Brasil com a Argentina e o Paraguai. Esta região possui magnífica diversidade cultural, no entanto, a homossexualidade ainda revela um tabu frente ao cristianismo, conservadorismo e tradicionalismo enraizados culturalmente. Em um contexto descritivo, o texto tem como objetivo refletir como a homocultura e as normas compulsórias de masculinidade se associam e se dissociam na produção de um espaço demarcado pela heteronormatividade imposta no comportamento e na comunicação homoerótica. O estudo a seguir faz uso da prática etnográfica para observar como as distintas produções de masculinidades interagem entre si e assumem pactos comportamentais que são nocivos no âmbito individual e coletivo.

347

Palavras-chave: Masculinidades; Homossexualidades; Comportamentos homoeróticos; Relações homoafetivas; Homocultura.

Introdução

A proposta refere-se a uma etnografia pautada no contexto liminar de um rito de passagem onde, por sua vez, os indivíduos desprendem-se de suas características usuais ou cotidianas para adentrar a uma esfera subversiva à luz de novas experiências. Estes rituais ocorrem em um lugar específico mediado exclusivamente para o rito e, ao fim da celebração, os indivíduos retomam suas características usuais e cotidianas para retornarem a vida comum, completamente renovados com a experiência vivida no local.

¹ Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu, Paraná (2020). Documentarista e Produtor Audiovisual. Realiza pesquisas sobre antropologia das emoções, relações de poder e marcadores sociais da diferença. E-mail: deividncarvalho@outlook.com

Estes rituais simbólicos representam uma ruptura do cotidiano para a apreciação de uma nova ordem estrutural proporcionada no local onde o ritual se estabelece. O local onde se realiza a consagração do ritual é preparado para comportar o evento no qual simboliza a degustação do momento ritualístico e a ruptura do momento cotidiano. Estes rituais simbólicos, de maneira breve e simplificada, podem ser entendidos através da realização de cultos religiosos; *shows* musicais, teatros e demais espetáculos artísticos; jogos e competições esportivas; eventos festivos e diversas celebrações; viagens, passeios para outra cultura e dinâmica social além de demais exemplos que possibilitam uma experiência imersiva promovida por um ambiente ou local específico.

Como ponto de partida têm-se as premissas de transição entre o momento cotidiano e o momento ritualístico, com base nas características que configuram as descrições de um ritual simbólico. Tal qual a busca de locais cujos indivíduos materializam outra configuração de si para agregar-se a determinado lugar. Tomada as diretrizes do projeto, surge a ideia de observar os bares homocentrados da cidade que morei durante três anos. A observação participante ocorreu em 2017, em uma cidade no oeste do Paraná com pouco mais de 258 mil habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019. Nasci e vivi em São Paulo, frequentei muitos locais de sociabilização paulistana e cultura LGBTQIAP+². No entanto, quando me mudei de Estado, nesta nova cidade havia pouquíssimos ambientes que pudessem integrar, incluir e representar culturalmente Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. O oeste paranaense era estritamente conservador. O tradicionalismo interiorano reinava diante das plantações de soja.

Para tanto, mediado por colegas, fui em busca de bares onde pudesse conhecer outros indivíduos LGBT, a partir de seus respectivos pontos de vista, como ocorre a dinâmica de socialização nesta cidade. Entretanto, na época desta pesquisa, existiam pouquíssimas opções. De imediato: um único *PUB*³ abertamente LGBTQIAP+ e outro

2 LGBTQIAP+ é o termo mais recente referido por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais e Pansexuais. O “+” refere-se às demais identidades vinculadas a diversidade de gênero e sexualidade. Este termo visa maior visibilidade para além da centralização *LGBT*.

3 *PUB*: um ambiente de influência britânica onde há venda e consumo de bebidas alcoólicas. Dispõe de diversos espaços temáticos como pistas de dança, bares, karaokês, restaurantes e lanchonetes altamente decoradas e planejadas na estética europeia. Neste ensaio, o uso de Pub e Bar são equivalentes.

exclusivamente frequentado por homens. Por parte das masculinidades nativas da cidade pouco se falavam sobre homoafetividade. Emergia um mistério interiorano que reinava sobre este bar: o que acontece neste ambiente por ali fica como absoluto segredo entre os frequentadores. Decidi, pois, fazer um projeto de observação neste bar homocentrado para entender como ocorre o processo *endocultural*⁴ das masculinidades que o frequentam bem como se estabelece as dinâmicas subjetivas de aproximações e socializações. Além disso, se faz interessante observar como ocorre a recepção deste ambiente em uma cidade extremamente católica do interior paranaense, onde o tradicionalismo atravessa gerações e a heteronormatividade compulsória determina princípios de invisibilidade, sobretudo, no que diz respeito às relações entre homens, bissexuais ou homossexuais. Estas afetividades são entendidas, por muitas vezes, como práticas subversivas das normas e regras estruturais impostas socialmente.

Para compor as discussões desta pesquisa, atentei-me ao foco etnográfico da *performance* de masculinidade segundo as menções de Butler (2010) e Goffman (1985). Os arranjos homoafetivos e homoeróticos são retratos pesquisados por Braz (2010) e Matos (2012), além de referências discursivas através de redes *geossociais*⁵ com base em Miskolsi(2009), Padilha (2015) e Santos (2009). No campo das masculinidades, faço assimilações de Bourdieu (1999, 2002), Daniel Walzer-Lang (2001) e Raewyn Connell (2013) para abordar o complexo jogo de características e composições do masculino em um campo social. Esta pesquisa será composta através de textos brevemente temáticos que visam a disposição da bibliografia aqui demarcada com o anexo das observações de campo e interatividades promovidas a partir de dispositivos móveis. Não há intenção de esgotar o assunto, muito menos expor a intimidade dos interlocutores confidentes destes relatos pessoais, de modo a compôr as discussões aqui presentes. Para tanto, embora este trabalho esteja centralizado no comportamento masculino, na homocultura, na imersão de espaços de homosociabilidade, nas relações afetivas e desarranjos homoeróticos, não

4 *Endocultura*: Endo = dentro; Cultura = hábitos, costumes, conhecimento de determinado grupo. É um itinerário de aprendizagem que o indivíduo tem sobre sua cultura; a assimilação destes símbolos culturais em sua identidade.

5 Referido por Padilha (2015), simboliza “um conjunto específico de aplicativos que operam como redes sociais digitais georreferenciadas. São tecnologias que operam em dispositivos que suportam o sistema de posicionamento global (GPS)” (PADILHA, p. 73).

haverá abordagens nem exposições relacionadas a vida sexual ou detalhes sobre as práticas referidas.

A socialização homoafetiva começa no bar

O princípio do que viria a ser o movimento LGBT teve início em bares. Em *Stonewall Inn*, nos Estados Unidos (1969), houve uma rebelião de gays, lésbicas, travestis e drag queens, motivada por reivindicações e protestos contra ações arbitrariamente violentas e abordagens intimidadoras da polícia civil nos bares ‘gays’ de Nova York. A rebelião que ocorreu durante seis dias foi considerada o marco do movimento LGBT contemporâneo em busca de direitos sociais e civis. Aqui no Brasil, na década de 1970, inicialmente surgiu um movimento, sobretudo, homossexual que ganhou força à luz da ditadura militar no país (1964 – 85). O epílogo se deve a publicação do jornal *Lampião da Esquina*, de cunho informativo sobre a cultura LGBT, centrado na denúncia da violência social e repressão policial, além de oposição ao regime militar vigente. Como lembrado por Renan Quinalha (2017):

Durante a ditadura civil-militar, de forma mais intensa do que em outros períodos da nossa história, o autoritarismo de Estado também se valeu de uma ideologia da intolerância materializada na perseguição e tentativa de controle de grupos sociais tidos como uma ameaça ou perigo social. [...] A criação da figura de um ‘inimigo interno’ valeu-se de contornos não apenas políticos de acordo com a Doutrina da Segurança Nacional, mas também morais, ao associar a homossexualidade a uma forma de degeneração e de corrupção da juventude (QUINALHA, 2017, p. 25).

A seguir, foi fundado o jornal *ChanacomChana* com o intuito de representar mulheres lésbicas e bissexuais para dialogar o feminismo e a libertação sexual feminina em tempos obscuros da censura moralista. Os panfletos do jornal eram comercializados em um bar frequentado por lésbicas. No entanto, a venda deste jornal não era aprovada pelo dono do local e se instaura o prenúncio da censura e proibição deste público em frequentá-lo. Em 1983, ativistas LGBT realizam um ato político com o objetivo de combater a proibição do jornal alternativo além de reivindicar a comercialização do material publicamente. Esta rebelião ficou conhecida como o “*Stonewall* à brasileira”, e demarca a resistência LGBT frente as opressões estruturais. A partir deste momento, foi

institucionalizado ao longo das décadas a inclusão das demais siglas identitárias ao movimento LGBT com finalidade de unir a diversidade de gênero e sexualidade divergentes da heteronorma socialmente estabelecida. A reivindicação de direitos políticos para estas identidades exemplificam a resistência do regime opressor destas categorias sociais. O levante social demonstra a luta contra a moral e os bons costumes da política sexual imposta na ditadura brasileira, conforme lembrado na pesquisa de Quinalha (2017) sobre o obscurantismo da violência, da censura e da tortura como marcas culturais de um passado que lamentavelmente ainda se faz presente no imaginário coletivo.

Em 1980, houve uma emergência frente as pautas LGBT. O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), cujo estágio avançado causa a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/AIDS), golpeou a população frente a um impasse até então desconhecido. No início da década, a infecção teve como alvo, sobretudo, homens homossexuais e dizimou significadamente grande parte desses sujeitos. A síndrome epidêmica repercutiu um grande estigma para portadores e transmissores de uma doença até então incurável. Atualmente, com os avanços da ciência e tecnologia, além de estudos sobre a patologia, a infecção passou a ser tratável sob medicamentos que estabilizam o vírus, tornando-o indetectável e intransmissível. Hoje, há opções de prevenção ao HIV através do Sistema Único de Saúde (SUS) além de antirretrovirais para reduzir o risco de infecção em caso de exposição ao vírus. Os indivíduos soropositivos carregaram o “fardo” de constantemente serem associados a um “castigo divino” cuja sexualidade fora da heteronorma seria uma punição e sintoma de vergonha e imoralidade. Houve o estigma do “câncer gay” motivado pelo fundamentalismo religioso. Ademais, a formulação do conceito patológico de “cura gay” tem o pretexto de tratar a homossexualidade como doença. Em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) removeu o “homossexualismo” (“ismo” denota um sufixo patológico) da lista de distúrbios mentais e esta medida foi fundamental para promover um olhar humanizado às sexualidades não-heterossexuais.

A cultura LGBT presente em espaços mediados por representações, debates, manifestações políticas e festividades têm o propósito de repercutir diálogo, respeito e visibilidade para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e demais categorias de

diversidade de gênero e sexualidade. O orgulho em ser LGBTQIAP+ reluz a dinâmica de autoaceitação de si mesmo. Tem por princípio combater a homofobia e transfobia internalizada, alvo de violência para si e para o outro. A democratização da cultura LGBT promove visibilidade as identidades que necessitam de política pública no combate da violência e exclusão social, de modo a garantirem seus respectivos direitos sociais acolhidos pelo Estado. A luta pela criminalização do ódio motivado pela identidade de gênero e aversão a conduta homoafetiva tem como foco o combate ao preconceito que persegue estes sujeitos. A investigação de crime pautado nesta condição transforma morte em estatística na negligência do Estado em punir a violência motivada por homofobia e transfobia.

Desde o início do movimento LGBT em *Stonewall*, a cultura LGBTQIAP+ está centrada em ambientes onde estes indivíduos estão representados e se sentem à vontade para assumir publicamente a identidade diante da estrutura violenta no âmbito social. Desta forma, emergiu uma ampliação social e política no que diz respeito ao alcance da rede de relações sociais LGBT pela presença de um novo eixo de atores vinculados na mídia. Assim como mencionado por Facchini (2009):

[...] as agências estatais ligadas aos temas justiça e saúde, parlamentares que incluem a bandeira dos direitos dos homossexuais em suas plataformas, o mercado especializado, organizações internacionais e grupos religiosos flexíveis ou especialmente voltados a questões ligadas à sexualidade (FACCHINI, 2009, p. 61).

Os bares direcionados a este público se tornam fonte de resistência e sociabilização onde afloram a troca de informações e aproximações culturais. No âmbito cultural da homossexualidade, os bares 'gays' concentram a dinâmica homocultural onde as diferentes masculinidades atravessam distintas maneiras de interagir, demarcando o ambiente como confidente de suas intimidades. Neste projeto há o pretexto de observar as socializações homoafetivas dentro desses espaços e nas descrições a seguir, há de se considerar que haveriam análises que poderiam emergir à luz do foco etnográfico. No entanto, a sistematização do olhar esta pautada no âmbito da sociabilidade: a busca por paqueras, amigos e dinâmicas para exercer e conhecer a sexualidade. Isto é, as práticas de intimidade homosocial dentro destes espaços e como elas servem de metáfora para o

diálogo da masculinidade nociva e a produção de disputas entre as masculinidades dominantes entre si.

Festa no PUB!: A sociabilidade entre a discrição e parceria

Diante de pesquisas para estudar a produção de masculinidades, entre *sites* e informações, fui em busca de locais que somente homens frequentem e possibilite observar respectivas condutas um com outros. Tive como exemplo o antropólogo Camilo Braz (2010), ao elaborar uma etnografia “imprópria” em clubes de sexo masculinos, cujo termo impróprio se molda “[...] pelo possível diálogo com uma bibliografia que toma tais ‘impropriedades’ como ponto de partida para um questionamento de determinadas premissas antropológicas [...]” (BRAZ, 2010, p. 39). Encontrei o bar em uma breve pesquisa na internet: festa em um pub temático, que possui muitos espaços, compartimentos “secretos” e entre eles, uma sauna. Se a sauna masculina certamente é frequentada por homens, uma festa em um pub-bar-sauna poderia ser um bom espaço para analisá-los. Apresentava um espaço dinâmico, bem arquitetônico, instigante e visualmente divertido. Mais do que uma simples casa decorada, o visual ganha o interesse pelas cores e intensidades de luzes de ambiente animado. Era uma boate moderna no bar que possui uma sauna frequentada por homens.

O PUB é popular nas redes sociais e utiliza-se dos aplicativos de ‘relacionamento gay’ para repercutir seus eventos e festas, tudo no anonimato e absoluto sigilo. Preservar o pacto de masculinidades e integrar-se a este campo como aliado às normas heteronormativas são fundamentais para manutenção da casa. Além das salas de sauna seca e vapor, também haviam cabines privadas, salas de vídeo, área de fumantes, mesa de sinuca, piscina, um bar equipado, pista de dança com luz neon, um amplo espaço decorativo com muitas cores e muita música.

As festas despertam o interesse do público. A casa demanda uma organização exclusiva para as festas de carnaval fora de época; noites de lançamentos de discos de música pop; noites de bebidas alcoólicas gratuitas, popularmente conhecidas como *open bar*; noites de “escuro” ao qual todos permaneciam no ambiente à penumbra de reflexos e sombras; noites onde todos deveriam vir a rigor para a isenção de taxa de entrada. Com

festas temáticas, o pub reatualiza seu catálogo de clientes com futuros parceiros. Não há a necessidade de cadastro e o contato com o local ocorre com discrição. Esta é uma regra a ser tomada em prática dentro do ambiente, tanto pelos frequentadores, quanto pelos trabalhadores do local. Tudo o que acontece no bar permanecerá ali e não será repassado adiante. Os parceiros demandam segredos entre o grupo e isto é compreendido. Portanto, o sigilo é absoluto.

O pub disponibiliza dois acessos: o primeiro inclui somente o bar; o segundo, o bar, as saunas de banho e respectivos ambientes de recreação. O bar serve como ponte aos demais ambientes, tornando-se um espaço intermediário. No que concerne um ritual, o bar torna-se liminar entre o ambiente externo (o rompimento da vida cotidiana em busca de novas experiências e distrações que fogem da rotina) e o ambiente interno (bebidas alcoólicas para fuga da realidade, estrutura da sauna e espaços secretos cuja libertação da sexualidade exala entre os corredores). O público acessa o ambiente que possui interesse. Deste modo, alguns preferem permanecer somente no bar, à luz da pista de dança. Outros vão diretamente aos espaços secretos: locais reservados para o sexo entre homens. Neste projeto de observação etnográfica atentei-me somente ao *bar* e sua representação: quem frequenta somente este espaço e, por que ele é importante para o contexto da sauna e locais recreativos.

Fiz uma proposta etnográfica com o objetivo de cumprir as normas metodológicas da pesquisa e fui ao bar. Neste dia, o pub estava pouco frequentado devido a um evento comemorativo no aniversário da cidade. Então permaneci por mais ou menos 60 minutos. Estive sozinho, a intenção era observar a dinâmica do bar diante de um processo meditativo. Refletir consigo é uma dádiva e observar a cultura estética europeizada do local emergia à tônica da noite. Inspirado em Londres e capitais europeias para configurar a ascendência cultural da colonização alemã no sul do Brasil, mais respectivamente no oeste paranaense a partir do início do século XX. Deste modo, temos a demarcação do público frequentador desta casa noturna: ascendentes à europeização de si, sumariamente brancos. Centralizavam-se diante de categorias identitárias semelhantes e, porventura, as demais intersecções raciais, sociais e culturais enquanto presentes, permaneciam à margem.

O espaço representava um pub juvenil que toca músicas da moda sob luzes fluorescentes. Na pista de dança emaranhavam-se poucos. Todavia, simboliza qualquer outro lugar que já conheci. No entanto, tornava-se curioso ver a troca de olhares e a conduta masculinizada sustentada no local. Esta conduta sexualizava-se através do teor de desejo convidativo do ambiente. Sustentar máscaras de virilidade os tornavam visíveis e cobiçados por um notável público. Ali dentro, todos “deveriam” seguir as regras do pacto entre homens e quase todos estavam acompanhados. Aqueles que estavam sozinhos logo encontravam alguma companhia para conversar e dependendo do acordo, adentravam aos outros espaços mais reservados: a saída do bar em direção as salas privadas. Era fundamentalmente a representação de um jogo e participa dele quem está disposto a jogar.

Por outro lado, haviam homens que não sustentavam incessantemente a conduta masculinizada e extremamente viril dentro do pub. A estes indivíduos os olhares escapavam aos sujeitos que sustentavam tais pactos de masculinidade. Aqueles que não faziam parte deste pacto mantinham-se à margem do interesse de outrem. Entretanto, poderiam ser cobiçados por outro sujeito, caso este fosse o êxito da noite: obter um parceiro para sexo. Este é objetivo de permanecer no bar por alguns minutos. A dinâmica dos códigos de masculinidade reflete a forma de aceitação heteronormativa cujo homem gay, para ser notado e respeitado, não deve compor nenhum traço de feminilidade. Portanto, embora houvesse eventuais exceções, aqueles que compõem traços afeminados serviam-se, sobretudo, ao prazer carnal. Em certa medida, o segundo plano das intenções e investidas de outrem, pouco admirado. O bar esvaziava-se ao passar dos minutos. Enquanto os poucos se retiravam, também me retirei. Permaneci em campo por um curto tempo, suficiente para perceber como este ritual de masculinidade se sustenta a partir de máscaras socialmente estabelecidas.

Neste ponto se faz o pretexto desta observação etnográfica. Há certos espaços que somente são frequentados por homens para exercer atividades entre homens. De maneira discretamente privativa e reservada. Distantes das mulheres, torna-se outra representação entre seus iguais. Dentro do bar, principalmente em dias de festa, ocorre a troca de relatos e compartilhamento de experiências sociais, afetivas e sexuais de homem para homem. O

sigilo e discrição são fundamentais para exercer o pacto entre homens. A manutenção deste segredo é, portanto, uma máscara de representação social.

A homosociabilidade e hierarquia masculina como rito de passagem

Na *homosociabilidade*, os homens ensinam aos outros homens códigos que servem como pacto entre eles. Esses rituais de homem para homem, cujo domínio desses códigos e pactos estabelecem as regras do jogo, torna-se um rito de passagem, conforme mensurado pelo sociólogo Daniel Walzer-Lang (2001). A cultura deste jogo determina quem pode jogar dentro do campo social que eles estabelecem. Nestes espaços, como explica Bourdieu (2004), se formam um “campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (BOURDIEU, p. 22-23). Neste campo, os agentes sociais dispõem-se de diferentes posições seguindo estratégias para dominar a busca de “troféus”. Neste campo da masculinidade, para pertencê-lo é necessário cumprir regras estabelecidas socialmente. Expõem-se quem está determinado à margem por não “cumprir” estes respectivos papéis sociais. Os troféus deste campo são estabelecidos na superioridade masculina e na aversão de toda característica entendida como “feminina”. Quem cumpre tais regras de masculinidade recebe o troféu diante do jogo entre quem se mantém dominante e quem por este é dominado.

Os *ritos de passagem*, como definido por Arnold Van Gennep, citado por Turner (1974), são caracterizados como “ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social de idade” (TURNER, 1974, p. 116) e ocorrem em três fases: a separação (da vida cotidiana), a margem (a transição liminar) e agregação (a algum lugar). Nesse rito de passagem há o diálogo de diversas *estruturas e antiestruturas*.

Turner corresponde a ideia de *liminaridade* ao momento que configura a margem dos ritos de passagem. Um período de transição entre uma estrutura social e uma antiestrutura que, por sua vez, subverte esta. Deste modo, a liminaridade revela um momento indefinido, uma ambiguidade e uma indeterminação, onde os indivíduos não possuem precisão de certeza e estão categoricamente no “meio-termo”. É, neste momento, que está para ocorrer uma transformação, uma transgressão para algo maior, a fuga do cotidiano. A liminaridade padece de uma *estrutura anterior* e uma *antiestrutura*

posterior. Desde modo, a liminar de um comportamento está no entre-lugar, não exatamente um e não correspondente a outro.

Turner (1974) elabora o conceito de *communitas*, no qual revela uma antiestrutura, de forma a compor uma comunidade que esta diante da unificação de indivíduos que subvertem uma estrutura lógica e se compadecem de uma experiência coletiva distinta da estrutura social. As *communitas* se associam a um estilo de vida em comum que se dissociam do estilo de vida cotidiano, no âmbito rotineiro da vida privada ou das normas e regras socialmente pré estabelecidas. De acordo com autor:

Existe, aqui, uma dialética, pois a imediatidade da *communitas* abre caminho para a mediação da estrutura, enquanto nos ritos de passagem os homens são libertados da estrutura e entram na *communitas* apenas para retornar à estrutura, revitalizados pela experiência da *communitas* (TURNER, 1974, p. 157).

No campo social das masculinidades, os pactos de virilidade devem ser reproduzidos a fim de reafirmar a manutenção destes. Mantêm-se como parceiros, formando uma espécie simbólica de “*communitas*” culturalmente formulada de códigos comuns estabelecidos socialmente. Para ter acesso a este campo, a homosociabilidade exerce um processo *endocultural* através de um ritual de conduta, ensinamento e aprendizado a serem transmitidos e assegurados de homem para homem. O comportamento socialmente adequado torna-se constantemente reafirmado como representação de superioridade e autoridade. Quem segue este ritual, como princípio de manutenção das regras e normas estruturais, tradicionalmente reguladoras para conservar o poder da masculinidade sobre as categorias “não masculinizadas”, participa do jogo enquanto categoria hegemônica, conforme Raewyn Connell (2013). Posição hierárquica de domínio e controle social. Aquele que não segue este ritual de normatização da identidade está à margem, inferior e excluído do campo dominante.

357

Pactos de masculinidades, jogos de sedução e a comunidade anônima

Em espaços frequentados somente por homens estão presentes subjetividades de códigos de conduta que revelam o cumprimento ou descumprimento de normas do que entendem por virilidade. Ocorre, por muitas vezes, pressão social e tendência ao uso de “máscaras sociais” para pertencer e ser aceito a esta comunidade. Esta, entretanto, requer o uso de tais controles da masculinidade e induções de comportamento tornam evidente quem é visto, percebido e pertencente a este local. Como demonstrado pelo antropólogo Camilo Braz (2010), “há, pois, um controle das práticas corporais e da gramática corporal, lidando com limites” (2010, p. 216). Neste “controle do descontrole”, há determinados “enquadramentos” do sujeito para permanecer na cultura do local. Desta forma, o descontrole de trejeitos efeminados e qualquer símbolo aplicado ao feminino determina um fator de invisibilidade do sujeito diante da cena. No entanto, este fator pode ser reconsiderado caso o sujeito cumpra outra norma do pacto de masculinidade: o culto ao “corpo perfeito” do homem que, embora seja afeminado, possui uma aparência máscula, trabalhado em rigidez muscular e definição de massa corpórea. A musculatura do corpo e a ramificação de pelos e barba servem de linha divisória entre a apreciação e degradação do indivíduo desejado.

O grande desejo é suprir todas as regras deste pacto de masculinidade e neste ambiente há disfarce de determinadas condutas que poderiam fugir das demandas exigidas socialmente. A pressão social para ser aceito a esta comunidade requer o endeusamento do corpo atlético, musculoso e juvenil. No entanto, o desejo está em enquadrar-se nestes três âmbitos estéticos ou pelo menos, sobressair-se em um deles. Diante da observação, quis atentar-me aos jogos de sedução e paquera entre homens para assimilar quais são os códigos a serem entendidos para este fim. Em campo, fui um observador participante sem a intenção de ser percebido, no entanto, na sistematização das observações ocorre a curiosidade de questionar esses códigos de comportamento. Deste modo, pensei na possibilidade de dialogar com frequentadores deste espaço, em uma dinâmica informal e descontraída, menos inconveniente. O objetivo da minha permanência no local está estritamente vinculado à observação, distante da importunação e da participação do jogo homoerótico estabelecido neste bar.

Os interlocutores que acessam os aplicativos de relacionamentos me parecem receptivos ao diálogo, dado as características que são propostas na comunicação destes

dispositivos. Aqueles que estão no bar utilizam os dispositivos móveis para “caçar” outros homens que estão localizados dentro ou fora da casa. Como frequentadores, poderiam compartilhar opiniões sobre o ambiente. Como não-frequentadores, poderiam expor opiniões sobre o “olhar de fora” da casa. A publicação dos foi permitida.

O diálogo não teve pretensões de abordagens e intimidades relacionadas a práticas sexuais, nem mesmo no eventual uso de preservativos em caso afirmativo de sexo neste local. Este é um assunto que envolve a sistematização mais criteriosa da colheita de informações. Necessita de uma pesquisa qualificada com o foco direcionado neste tema, de modo a propor uma discussão detalhada e atenciosa sobre a sexualidade de homens que fazem sexo com outros homens (HSH)⁶. Ademais, um amplo debate sobre saúde sexual LGBTQIA+, doenças sexualmente transmissíveis e políticas públicas de prevenção ao HIV/AIDS. Conforme Miskolci:

A internet ampliou o armário duplamente: por ter introduzido nele muitos que jamais explicitariam desejos por pessoas do mesmo sexo – e que o fazem agora graças ao anonimato – e também porque a maioria das relações forjadas on-line já surge secretamente [...] não extinguiu a principal fonte de preocupação, sofrimento e solidão de muitos que compartilham desejos por pessoas do mesmo sexo: o segredo. O armário ainda parece ser o mecanismo de controle de suas vidas, no fundo, solitárias, já que vividas em um limbo comprimido entre a socialmente aceita e a secreta, em que tentam alocar seus desejos, prazeres e sonhos (MISKOLCI, 2009, p. 188).

359

Os aplicativos de “relacionamento gay” são dispostos por uma mediação geográfica e possibilitam a socialização homocultural a partir da localização do dispositivo móvel, com a finalidade de aproximar homens que estão geograficamente próximos. A interação na plataforma remete linguagens objetivas e informais no epílogo das relações sexuais e interpessoais. A autenticidade das informações revelam a dinâmica de conhecer alguém através da internet com a possibilidade de ocultar a identificação. A

6 Conforme Regina Facchini (2009), “a sigla HSH – homens que fazem sexo com homens – foi introduzida no Brasil nos anos 1990, no contexto das políticas de prevenção às DST/aids. O objetivo de seu uso é fazer referência direta às práticas sexuais, contornando o problema representado pela não-coincidência entre práticas e identidades, que faz com que categorias como *gays* ou *homossexuais* não sejam adequadas para definir todos os sujeitos que poderiam ser alvo dos programas de prevenção. A utilização dessa sigla vem sendo questionada por ativistas, que criticam o uso de uma categoria que não remete a identidades e invisibiliza o sujeito político do movimento que demanda tais políticas” (FACCHINI, 2009, p. 64).

manutenção do anonimato dispõe um jogo de códigos que possibilitam a reinvenção de si diante das telas. Deste modo, nestas mídias de comunicação geossocial se questionam, por muitas vezes, a veracidade das informações compartilhadas e revelam a tônica de inconfiabilidade dos sujeitos ali abordados. Como sinalizado por Padilha (2015):

É possível sugerir que essas tecnologias são criadas e moldadas respondendo também às condições históricas de um contexto que não provê condições de reconhecimento e segurança para as expressões públicas do desejo homoerótico, ou não-heterossexual. Por outro lado, os usuários em contato com a tecnologia podem constantemente ressignificar o seu uso (PADILHA, 2015, p. 74).

Tive acesso a cinco interlocutores, com objetivos distintos neste espaço. O primeiro, um rapaz de 25 anos que mora no centro da cidade. Indagado pelo motivo de frequentar o pub respondeu-me que procura por amigos, geralmente frequenta o bar e não adentra aos outros espaços para fazer sexo. Quando o abordei sobre comportamentos e táticas usuais para o reforço heteronormativo ele me diz que reproduz os códigos de masculinidade tanto dentro quanto fora deste local. A utilização destes pactos, estão relacionados à discricção da sexualidade, de forma a “não expor a homossexualidade publicamente.” Neste espaço se sente mais desinibido para fazer amizades e fora do bar, na vida cotidiana, é mais tímido e reservado. Por este motivo, adquire tais normas para não ser percebido socialmente enquanto homem gay e este disfarce seria uma alternativa de proteger a si mesmo da homobofia e demais violências.

O segundo interlocutor tem 52 anos, mora em um bairro distante. Frequenta tanto as festas quanto os banhos de vapor, busca por sexo e relacionamento sério. Para ele, é evidente os processos de liminaridade entre estar fora e dentro da sauna visto que para pertencer a esta comunidade é necessário atentar-se aos códigos de masculinidade para ser percebido por outros homens. Dentro do local, assume máscaras de virilidade que fora deste são completamente descartadas. No local ocorre o “show da performance do macho hétero” como ele mesmo se refere e fora deste ambiente não há controle nenhum sobre tais regras, pois, ocorre a “autenticidade do ser.” Percebeu que nestes espaços, caso a máscara de conduta masculinizante fosse anulada, os objetivos de sexo e relacionamento não se concretizam. Um descarte do catálogo de homens performáticos.

O terceiro interlocutor é um turista que tem 33 anos. É um frequentador de casas de sauna, busca sexo casual e novas experiências que, segundo ele, são exercidas somente dentro destes espaços. Questionado, ele diz que dentro das saunas, próximo de outros caras que também buscam novas atividades sexuais e somado ao teor de bebidas alcoólicas no bar, torna-se encorajado para exercer condutas “desprendidas” de si. Naquele espaço, tudo era permitido e todas as curiosidades podem ser exercidas. Tanto dentro como fora da sauna, cumpre as exigências do pacto entre homens.

O quarto interlocutor não revelou a idade, é morador de uma cidade vizinha e percorre 60 km para aventurar-se distante da região de origem. Refere-se a si mesmo como um homem discreto e frequenta tanto o pub quanto as áreas internas com o pretexto de socializar com outros homens que, assim como ele, possuem uma esposa e são casados. A intenção destes encontros têm como objetivo único a busca de sexo. A prática de sexo entre homens neste ou outros locais privativos compõem um método de manter a vida heterocentrada no âmbito social sem, contudo, expor diante da sociedade o vínculo de uma sexualidade não-heterossexual. Dentro do bar, da sauna e demais locais de intimidade homosocial há realização da experiência homossexual e, em contrapartida, fora destes ambientes, reina a heterossexualidade compulsória como membro da família tradicionalmente conservadora da moral e dos bons costumes.

A liminar deste duelo reluz a performance de masculinidade nociva para agradar a sociedade heteronormativa e permeia metaforicamente as regras do jogo do campo social formulado por Bourdieu (1999, 2002). O jogo de ceder a prática da homossexualidade quando convém remete às implicações sociais que podem causar o rompimento de determinados privilégios enraizados na heteronormatividade, luz da hierarquia social. Bem como o estremecer de laços familiares e conquistas pessoais em nome da heterossexualidade, mediante exposição da privacidade afetiva/sexual. Tanto nos aplicativos de relacionamentos quanto nos espaços que reservam experiências homoeróticas, o sigilo entre os parceiros e a discrição comandam normas de socializações entre homens que buscam o mesmo perfil. O fato de muitos serem casados revela a confiabilidade estabelecida no comum acordo de parceria. Nestes locais sentem-se à vontade para realizarem o desejo homoafetivo e jogos de erotismo.

A repressão internalizada, o medo da violência, a vergonha e o preconceito reforçam a manutenção de máscaras sociais e anonimato no vínculo homocultural sem, entretanto, revelar-se como pertencentes de uma cultura não-heterossexual. A realização afetiva/sexual obtida dentro desses espaços tornam-se a tônica enérgica da adrenalina. A “vida dupla” insere o contexto liminar entre a vida publicizada e a vida privativa. Os bares “gays” promovem encorajamento para enfrentar, aceitar e experimentar a sexualidade da forma que lhe convém. Acolhem tanto indivíduos que assumem orgulhosamente quem são diante da sociedade homofóbica como aqueles sujeitos que dificilmente se escondem em dilemas. Para tanto, optam por camuflar-se na heterossexualidade compulsória, na zona de conforto de si mesmo, em constante fuga.

O bar na Tríplice Fronteira: O Brasil entre Argentina e Paraguai

Os bares e saunas do oeste do Paraná, em região fronteiriça, despertam a curiosidade dos homens moradores na tríplice fronteira. Paraguaio e argentino frequentam estes espaços para conhecer os brasileiros, como eles se comportam e como poderiam trocar conhecimentos sobre sexo e afeto. Em páginas da internet e aplicativos de relacionamentos há perguntas sobre os valores e a localização das saunas na cidade. Ir ao Brasil para conhecer os homens que fazem sexo com homens se torna atrativo. Entre pesquisas sobre bares, sauna e seus respectivos contextos, encontro o quinto interlocutor. Argentino, morador de uma cidade que faz fronteira com o Brasil, há 18 km. Possui 20 anos e se considera bissexual. Entretanto, não tivera experiência com homem e possui interesse para experimentar seu lado homossexual. Relata que muitos argentinos atravessam a fronteira com o Brasil diariamente, motivados pelos burburinhos nos aplicativos de relacionamentos. A dinâmica intercultural de brasileiros e argentinos dialoga com a liminaridade fronteiriça no ritual da homosociabilidade. O rapaz frequentou o bar somente uma vez, não procura por sexo e desejava conversar com homens assumidamente gays. Tem o objetivo o autoconhecimento para se permitir aguçá-lo um novo terreno das relações interpessoais em solo brasileiro.

É um itinerário para a experimentação de si. Este espaço no Brasil compõe o sinônimo de liberdade para experimentar a sexualidade sem que ninguém de seu país de

origem saiba, principalmente se neste “lugar estrangeiro” o indivíduo se torna desconhecido aos olhos de quem o vê. Atentava-se ao treino do olhar direcionado a outros homens pelo qual se sentia atraído. O objetivo da permanência no local era admirar e desejar livremente outros homens sem sentir-se reprimido, pois, naquele espaço ninguém o conhecia. Ele participa do jogo de sedução e faz uso de máscaras de masculinidade nesse campo de erotismo. Assume tais códigos de virilidade para impor respeito e não levantar suspeitas acerca de qualquer vínculo à homossexualidade. Relata que espera o momento certo para confrontar esta experiência homossexual.

Diante de pesquisas sobre as saunas nesta cidade e curiosidades acerca dos territórios que fazem fronteira na tríplice de países latino-americanos, me foi percebido o quanto há de procura sobre esses espaços e como eles estão configurados a um tabu. Argentinos e paraguaios, bem como outros turistas da América Latina e demais países sentem-se indagados ao “jeito brasileiro” de se expressar, pois, desejam experimentar “o calor humano” do território brasileiro. Estes enquadramentos cultivados culturalmente produzem uma imagem “tropicaliente” dos brasileiros que é vendida comercialmente como cultura de exportação. Diante disso, o que acontece neste ambiente fica memoravelmente um segredo demarcado na região fronteira.

Outro fator que despertou curiosidade está vinculado na representação simbólica de como os moradores desta cidade percebem as saunas locais. Em busca de sites bem como redes sociais, pude assimilar essas informações. Na página oficial destes espaços, em sua maioria, comentários com o intuito de menosprezar e ridicularizar esses locais. Os comentários centravam-se na divina justificação moral heteronormativa de composição religiosa. Realizados, sobretudo, por homens heterossexuais casados. Haviam ofensas e discursos de ódio erroneamente entendidos como liberdade de expressão, pautadas em imoralidade e homofobia. Compartilhavam postagens com amigos para garantirem testemunhas do clube de agressão virtual. A demonstração do discurso ofensivo e o preconceituoso tem o pretexto de indicar publicamente que estavam em “superioridade moral” diante da homocultura. Justificados pela hierarquia entre homens heterossexuais *versus* homossexuais, compadecem a súplica da homossexualidade ser demasiadamente “sexualizada.” Para os sujeitos inglórios, a castidade heterossexual jamais seria.

Considerações ou o inconcluso dos fatos

De antemão, informo que este texto se faz inconclusivo, incompleto e insuficiente para pensar sobre masculinidades com a precisão necessária de interseccionar identidade, gênero, raça, classe e demais marcadores da diferença que particularizam as diversas existências e composições do masculino. Este texto faz uma simbólica metáfora sobre as masculinidades hegemônicas, que independente da sexualidade, marginalizam outros aspectos do masculino e feminino. A urgência de discutir sobre a masculinidade nociva segmenta, cada vez mais, as opressões estruturais que os homens carregam em si e emanam para o outro. Maneira de devolver ao mundo aqueles sentimentos e emoções que foram escondidos por vergonha do choro e do medo. A disputa dos homens em se afirmarem “macho” é, na verdade, uma rivalidade agressiva contra eles mesmos e isto reflete no convívio social, de forma irresponsavelmente violenta, ao dizimar possibilidades de existências que são legítimas. O ritual de tornar-se homem engrandece a constante reafirmação da masculinidade na composição do macho enquanto gênero socialmente estabelecido. É uma figuração equivocada de encenar um papel social que não condiz com a necessidade pública de autoafirmação. Simboliza uma performance completamente cruel para quem encena, sobretudo, para a plateia incentivadora da vigília moralista.

Para tanto, demarcam a homofobia e transfobia para punir identidades desviantes com o pretexto de se adequarem dentro do campo normativo para serem legitimadas. É um retrato que simboliza, por diversas situações, a homofobia internalizada e o medo de se assumir LGBTQIAP+ devido à intolerância e preconceito motivado pela violência de gênero e sexualidade não-heterossexuais. As agressões, perseguições e mortes viram estatísticas da negligência do Estado na investigação de crimes e ausência de políticas públicas de combate a LGBTfobia. No combate ao preconceito, assim como ocorreu no estopim de *Stonewall Inn* (1969), a Parada do Orgulho LGBTQ+ tem por objetivo espalhar o amor, na promoção de resistência e denúncia a repressão social que acomete estas identidades, no espaço público e privado de nossa existência.

Por fim, retrato orgulhosamente a emergência de masculinidades que subvertem e antagonizam outras afirmações e expressões de feminilidade. Adeptos/as de posturas feministas no combate a desigualdade de gênero bem como a transformação do

masculino, no contínuo incentivo de uma masculinidade saudável, menos nociva para consigo e para o coletivo. Este texto é dedicado aos indivíduos cujas luzes do contexto festivo observado se apagam. No entanto, ressignificam normas socialmente compulsórias para exercerem a identidade pública com orgulho, autoaceitação e liberdade. Tensionam, pois, as relações de poder centralizadas na conservação dos jogadores que preservam a manutenção de suas peças dominantes.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Campo de Poder, Campo Intelectual**. ISBN: En trámite. ©Pierre Bourdieu 1966, 1969, 1971, 1980. © 2002 Editorial Montessor.

_____. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.

BRAZ, Camilo A. **À meia-luz**: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculinos, 2010. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado** – Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 110-126.

CONNELL, Raewyn. MESSERSCHMIDT, James. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora. **Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro**. **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad. Revista Latinoamericana**, n.3 - 2009 – pp.54-81.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MATOS, Fernando Ribeiro. **Trilhas do sexo** [manuscrito]: discursos, corpos e sexualidade na cultura da mídia / Fernando Ribeiro Matos. – 2012. xv, 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, 2012.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet**. **Gênero**, v. 9 n. 2, p. 171-190. Niterói: IEG, 2009.

PADILHA, Felipe. Isto não é um manual de instruções: notas sobre a construção e consumo de perfis em três redes geosociais voltadas ao público gay, **NORUS** – v3, n.3, jan-jun 2015.

QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes**: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Ciências. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2017.

SANTOS, Luís. Felipe. **Tornar-se homem**: Dramaturgias em torno das apresentações de si, das emoções e dos afectos em palcos offline e online. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Educação e Psicologia. Universidade de Minho: Braga, 2009.

TURNER, Víctor. **O Processo Ritual**: estrutura e anti-estrutura; Petrópolis, Vozes, 1974.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, ano 9, 2/2001.

LA INMERSIÓN DEL RITUAL FESTIVO:

Las reglas del juego en la *performance* de masculinidades homoafectivas

Una observación etnográfica en un espacio frecuentado por hombres en el occidente de Paraná

Resumen: Este ensayo etnográfico fue elaborado a través de la observación participante en un espacio frecuentado solo por hombres en el interior de una ciudad del occidente de Paraná, cercana a la triple frontera entre Brasil, Argentina y Paraguay. Esta región tiene una magnífica diversidad cultural, sin embargo, la homosexualidad aún revela un tabú con relación el cristianismo, el conservadurismo y el tradicionalismo arraigado en la cultura. En un contexto descriptivo, el texto pretende reflejar cómo la homocultura y las normas de masculinidad obligatoria se asocian y disocian en la producción de un espacio demarcado por la heteronormatividad impuesta a la conducta y la comunicación homoeróticas. El siguiente estudio hace uso de la práctica etnográfica para observar cómo las diferentes producciones de masculinidades interactúan entre sí y asumen pactos de comportamiento perjudiciales a nivel individual y colectivo.

Palabras clave: Masculinidades. Homosexualidades. Comportamientos homoeróticos. Relaciones homoafectivas. Homocultura.

Recebido: 01/07/2020

Aceito: 16/01/2021